

• Nacional

POLÍTICA ECONÔMICA

“Governo quer fomentar economia competitiva e aberta”, diz Itamar

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

“O governo pretende fomentar uma economia competitiva, aberta, integrada à economia internacional”, afirmou ontem o presidente em exercício Itamar Franco em sua segunda manifestação à comunidade internacional. As reações de banqueiros foram variadas.

Franco enviou um comunicado de duas páginas e cerca de 800 palavras, lido durante a cerimônia “Pessoa do Ano”, da Câmara de Comércio Brasil-EUA, que premiou ontem à noite no Hotel Plaza os presidentes do grupo Fischer, Carlos Guilherme Fischer, e da Lykes Pasco Inc., Thompson Lykes Rankin.

Nele o presidente em exercício afirma que “deseo reafirmar o compromisso do governo brasileiro com um programa econômico que buscará a estabilização com base em uma política fiscal estrita. Vamos manter e aperfeiçoar os esforços de desregulamentação. O processo de privatização prosseguirá com base em diretrizes seguras e amplamente conhecidas”.

Franco, que assina como “vice-presidente da República, no exercício do cargo de presidente da República”, ressalta em seguida que “o Brasil espera contar com a participação do capital estrangeiro nesse e em outros setores, e está consciente da sua importância para fomentar as perspectivas de crescimento da economia”.

Estes trechos de seu discurso foram os que obtiveram maior apoio. “Ele está dizendo que a privatização vai continuar como previsto; que manterá uma política fiscal estrita, o que é bom para o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI); que vai enviar o Plano Brady de redução da dívida para aprovação no Senado; e que vai honrar os acordos com os credores oficiais. Tudo isso é muito positivo”, diz Martin Schubert, presidente da Eurinam.

Um vice-presidente do First Chicago, Marcus Regueira, elogia o fato do presidente Franco “reconhecer a importância da parceria com o capital estrangeiro e destacar a continuidade das privatizações.”

O que ele escreveu “é consistente com o que tem

dito no Brasil”, nota Joyce Chang, uma vice-presidenta da Salomon Brothers Inc. “Acho que continuará a haver uma reação excessiva no exterior, porque o discurso de Itamar Franco tem um certo tom nacionalista que não é tão palatável como era o discurso de Fernando Collor”.

Mas Joyce Chang registra, que apesar das palavras, “as ações que o governo Itamar Franco tem adotado são iguais às medidas ortodoxas implementadas por Collor e seu ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira”.

A parte da mensagem de Franco que provocou maior incômodo foi a parte sobre justiça social. A certa altura ele argumenta que “o governo brasileiro está determinado a implementar tais políticas e acredita que os empresários terão papel central a desempenhar, não só na retomada do crescimento e no aumento do índice de emprego, como também no equacionamento dos graves problemas sociais que nos afligem”.

Para Ana Wong, da Sociomer, o discurso do presidente brasileiro “é dúvida em alguns pontos. Ele parece defender a iniciativa privada, mas também a intervenção do governo”.

Nem todos concordam.

Marcus Regueira, por exemplo, pondera que “aqui nos EUA se diz com freqüência que o empresário também tem responsabilidade social”.

O presidente em exercício disse também que os esforços de seu governo para abrir e modernizar a economia precisam “ter resposta positiva em nossos parceiros, em especial os EUA”.

Mas alguns banqueiros se queixam de que ele não foi específico. “A comunidade internacional está aguardando uma confirmação de que ele vai fazer isso e aquilo, em tal e tal data. Por exemplo, vai privatizar a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) na data marcada”, explica Carey Hall, diretor gerente na Bear Stearns & Co., depois de ler a mensagem.

Hall lembra que “a coisa positiva da administração Collor é que ela definiu uma política e foi em frente. O que sentimos agora é que o País está meio estacionado, sem diretrizes claras”.